



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

**LUZ, CÂMERA, INFORMAÇÃO: TENSÕES REPRESENTACIONAIS INSTAURADAS PELO
DOCUMENTÁRIO “APRESENTAÇÃO NOIVA DO CORDEIRO”, UMA PRODUÇÃO
COMUNITÁRIA**

***LIGHT, CAMERA, INFORMATION: REPRESENTATIONAL TENSIONS ESTABLISHED BY THE
DOCUMENTARY “APRESENTAÇÃO NOIVA DO CORDEIRO”, A COMMUNITY PRODUCTION***

Juliana Andrade Perdigão. UFMG.

Fabício José Nascimento da Silveira. UFMG.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Que fatores mobilizam uma comunidade amplamente divulgada na mídia brasileira e estrangeira a produzir, ela mesma, um documentário sobre sua história? Partindo dessa indagação, o artigo analisa as dimensões informacionais e as rupturas representacionais instauradas pelo documentário “Apresentação Noiva do Cordeiro”, produção audiovisual concebida e realizada pelos moradores da comunidade rural Noiva do Cordeiro, situada no interior de Minas Gerais, cuja história é marcada por longo processo de preconceito e isolamento. O objetivo central é identificar as maneiras pelas quais a informação permeia o processo de elaboração das representações identitárias atribuídas à comunidade e posteriormente ressignificadas pelos moradores, especialmente as mulheres, por meio do agenciamento de uma narrativa própria, expressa em forma de documentário. Para tanto, em termos metodológicos, a hermenêutica dialética e a análise do discurso foram associadas com vistas a evidenciar os sentidos a partir dos quais os discursos representacionais são acionados para se falar da comunidade e confrontados pelos moradores a partir do documentário em estudo. Como resultado destaca-se o desvelamento do caráter ideológico e a dimensão narrativa da informação, tratada aqui como forma simbólica, a partir dos quais as mulheres de Noiva do Cordeiro reelaboram as próprias representações identitárias, reposicionando o modo como desejam ser socialmente percebidas.

Palavras-Chave: Noiva do Cordeiro. Produção audiovisual. Informação Simbólica. Narrativas de Si. Representações de Gênero.

Abstract: What factors mobilize a community publicized in the Brazilian and foreign media to produce, itself, a documentary about its history? Based on this question, the article discusses the informational dimensions and the representational ruptures by the documentary “Apresentação Noiva do Cordeiro”, an audiovisual production whose construction is carried out by the residents of the rural community Noiva do Cordeiro, located in the interior of Minas Gerais, history is marked by a process along prejudice and isolation. The main objective is to identify the ways in which the information is used in the process of elaborating the identity representations attributed to the community and, later, resignified by the residents, especially the women, through their own narrative, in the documentary. Therefore, in methodological terms, hermeneutics and the analysis of dialectical discourse were combined to show how certain representations are triggered to speak about the community and confronted by residents from the documentary under study. As a result, we highlight the unveiling of



the ideological character and the narrative of information, treated here as a form of constitution, based on the representation of Noiva do Cordeiro, re-elaborate as being the very identity, the way they are socially perceived.

Keywords: Noiva do Cordeiro. Audiovisual Production. Information Symbolic. Narratives of Yourself. Gender Representations.

1 INTRODUÇÃO

De quantas maneiras a história de Noiva do Cordeiro poderia ser contada? A localização da comunidade no interior de Minas Gerais, atrás da Serra da Moeda - a 100 km de Belo Horizonte, não impediu que dezenas de equipes de jornalistas do Brasil e do exterior se deslocassem para reportar os mais variados aspectos do modo de vida por lá experienciado.

Enquanto comunidade rural, Noiva do Cordeiro vivenciou sucessivos episódios de preconceito, isolamento e difamação desde sua formação. História que ficou nacionalmente conhecida por meio de um documentário exibido no canal a cabo GNT em junho de 2008. Depois disso, foi a vez da imprensa estrangeira dar visibilidade à Comunidade a partir de uma série de reportagens divulgadas, principalmente, em jornais e revistas inglesas e americanas no ano de 2014. Nessas matérias foi difundida a notícia de que um grupo de “belas mulheres” no interior do Brasil “estavam desesperadas para casar” e “apelavam por homens solteiros”. Em seu conjunto, tais narrativas jornalísticas foram convertidas no principal objeto empírico de uma tese de doutoramento defendida em 2020¹, a qual serve de base para este artigo.

Em linhas gerais a pesquisa em questão investigou as maneiras pelas quais a informação, social e simbólica, permeia o processo de elaboração das representações sociais mobilizadas em narrativas midiáticas para se falar da comunidade Noiva do Cordeiro, e de seu processo de resignificação mobilizado, sobretudo, pelas mulheres que lá vivem. Na impossibilidade de apresentarmos todo o material estudado na tese, definiu-se como recorte para este trabalho a análise das narrativas agenciadas pelos moradores da comunidade por meio do documentário “Apresentação Noiva do Cordeiro”, idealizado e produzido por eles no ano de 2014, sendo reeditado em 2015. Divulgado gratuitamente por meio da plataforma *vimeo*², a motivação central do filme é instaurar uma contra narrativa àquelas que ganharam notoriedade na imprensa nacional e internacional, reposicionando o modo como a comunidade deseja ser vista e ter a sua história contada.

¹ Os dados para acesso ao arquivo completo da pesquisa podem ser localizados nas referências.

² <https://vimeo.com/192367034>. Acessado em: 26/05/2022.



Para tanto, em termos teóricos, estabeleceu-se uma aproximação entre os conceitos de “representações sociais”, “gênero”, “informação” e “narrativa” a fim de se investigar como as estratégias de representação midiática estabelecidas pelos diversos veículos jornalísticos que divulgaram as matérias aqui tratadas estabelecem cenários de interação amplamente atravessados por relações de poder. Assim observado, a informação é pensada tanto como mecanismo a partir do qual sujeitos e grupos sociais constroem as narrativas que expressam suas formas de ver e conhecer o mundo e também os modos como querem ser vistos, quanto como forma simbólica a partir da qual algumas representações podem ser agenciadas, ratificadas e/ou ressignificadas. Em face disso, busca-se responder à seguinte questão: de quais maneiras a informação, social e simbólica, é agenciada no documentário “Apresentação Noiva do Cordeiro” para tensionar as representações objetivadas para se falar das mulheres da comunidade?

Em sua dimensão metodológica, o trabalho sintetiza os resultados de um estudo de caso operacionalizado com aporte de pesquisa documental. A reconstituição da história da comunidade se deu por meio de entrevistas livres e semiestruturadas, observação participante e grupos focais. A apreensão da contra narrativa instaurada pelo documentário foi realizada a partir de aportes interpretativos oferecidos pela hermenêutica-dialética, conjugados à análise do discurso. Combinação que nos possibilitou identificar tanto as bases de sentido nos quais as narrativas representacionais sobre as mulheres da comunidade estão ancoradas, quanto os conflitos e as contradições que emergem da contra narrativa objetivada pelo documentário. Dito isso, comecemos por apresentar a comunidade Noiva do Cordeiro e sua história.

2 NOIVA DO CORDEIRO: A HISTÓRIA CONTADA E RECONTADA

No primeiro documentário³ produzido sobre Noiva do Cordeiro, em 2008 para o canal GNT, os moradores contaram que os boatos acerca da comunidade começaram a circular no final dos anos 1990 quando a Igreja Evangélica “Noiva do Cordeiro”, criada por um pastor e morador do lugar, foi derrubada e seus membros decidiram abolir de vez qualquer tipo de religião. Contudo, os moradores mais antigos dizem que o preconceito em relação a eles tem origem no século XIX quando a matriarca da primeira família do lugar foi excomungada por

³ O documentário “Noivas do Cordeiro” foi produzido pelo cineasta Alfredo Alves, da produtora Bem Vinda Filmes, e exibido no canal de TV à cabo GNT.



adultério. Atualmente, os quase 350 moradores de Noiva do Cordeiro estão unidos por laços de parentesco porque descendem do mesmo casal: Maria Senhorinha e Chico Fernandes. Nos idos se 1890 os dois protagonizaram o primeiro episódio de ruptura religiosa – naquela ocasião, com a Igreja Católica. Maria Senhorinha ainda era casada quando se envolveu e ficou grávida de Chico Fernandes. Os dois foram proibidos de frequentar as celebrações religiosas e isolados pelos vizinhos.

Já na década de 1960, uma neta do casal – Delina, se casou com um pastor evangélico que visitava a região e isso implicou mudanças radicais na vida dos moradores. O pastor Anísio Pereira se apresentou como o cordeiro que guiaria a comunidade, fazendo de Delina, então com 16 anos, a “noiva do cordeiro”. Nesse momento uma igreja evangélica com o nome Noiva do Cordeiro foi construída na comunidade, forçando os moradores a viverem, por 35 anos, uma intensa rotina religiosa. As mulheres eram proibidas de evitar filhos e todos deveriam dedicar muitas horas do dia à prática de orações e jejum. Com isso, não restava tempo para o trabalho na lavoura e a terra se tornou pouco produtiva.

Não sem razão, a comunidade chegou à década de 1990 com quase 300 moradores vivendo em situação de miséria. Quando o pastor faleceu, em 1995, a igreja foi derrubada e, em reunião, os moradores decidiram abolir qualquer tipo de religião no local. Em paralelo a isso, fundaram uma associação e decidiram recuperar a lavoura com plantio em esquema de mutirão. Deliberaram, também, sobre a necessidade de elegerem uma representante política da comunidade⁴.

Fora de Noiva do Cordeiro, no entanto, esse foi o momento no qual a discriminação em relação ao modo de vida dos moradores se tornou mais forte. Boatos alegando que a comunidade mantinha um prostíbulo se espalharam pela zona rural, chegando à cidade mais próxima, Belo Vale. Em decorrência disso alguns moradores deixaram de frequentar espaços públicos e a escola.

Isolada e com boa parte da população formada por jovens, a nova geração de Noiva do Cordeiro decidiu buscar parcerias para montar uma escola de informática na comunidade. Em 2006 um acordo firmado entre a ACNC (Associação Comunitária Noiva do Cordeiro), o CDI

⁴ Rosalee, filha de dona Delina, foi eleita vereadora em 2004.



(Comitê para a Democratização da Informática)⁵ e a Fundação Vale deu origem a um projeto de informatização, cujo principal resultado foi a criação de uma Escola de Informática e Cidadania (EIC) dentro do Centro de Inclusão e Desenvolvimento da Educação Comunitária (CIDEC). Segundo os moradores, Noiva do Cordeiro se tornou a “primeira comunidade rural a receber um projeto de inclusão digital em MG”.

Em função dessa divulgação, alguns jornalistas começaram a visitar a comunidade para registrar o primeiro ponto de informática na zona rural do Estado. Foi a partir dessa aproximação que a imprensa conheceu a história de Noiva do Cordeiro e o documentário produzido para o canal de TV a cabo GNT se tornou o ponto de partida para uma série de outras reportagens que vieram a ser realizadas nos anos seguintes.

3 AS REPRESENTAÇÕES EM AÇÃO: INÚMERAS REPORTAGENS, MÚLTIPLOS MODOS DE CONTAR A HISTÓRIA DE NOIVA DO CORDEIRO

Depois da exibição do documentário na TV, a história de Noiva do Cordeiro foi contada e recontada muitas vezes em jornais, sites, revistas, telejornais e programas de entretenimento. A comunidade passou a viver tempos de considerável exposição midiática e de abertura a pessoas de toda parte. Era comum encontrar por lá um ou outro jornalista estrangeiro interessado em mostrar não tanto a história, mas o modo de vida dos moradores.

Na maioria das reportagens Noiva do Cordeiro era retratada como uma comunidade de mulheres jovens que plantavam e colhiam juntas, que trabalhavam em mutirão na fábrica de costura e no fim do dia se reuniam na casa-mãe⁶. A vida em comunhão, que é o que o nome comunidade sugere, despertava estranhamento, curiosidade, admiração e, por vezes, desconfiança. Não eram raros os vídeos e publicações que romantizavam a vida em Noiva do Cordeiro. Uma revista de circulação nacional publicou em sua página na internet uma matéria com o título: “A vila das mulheres”. Na construção de sua narrativa a reportagem mobilizou um conjunto de representações tradicionalmente objetivadas para se falar das mulheres: mostrou a rotina de trabalho, de cuidado com os filhos, de vaidade – com fotos das moradoras

⁵ O CDI é uma organização não governamental apoiada por empresas como *Light*, *Vale*, *Accenture* e *Phillips*. Criado, em 1995, pelo empresário Rodrigo Baggio, o CDI objetivava promover a inclusão digital a partir da formação de parcerias com a iniciativa privada.

⁶ Principal edificação da comunidade. Trata-se de uma grande casa com 36 dormitórios que acolhe em dias normais pelo menos cem pessoas.



se maquiando em grupo e sentenciando ao final: “difícil mesmo é arrumar namorado”, insinuando que uma das moradoras “estava há um tempo sem companhia masculina”.

A essa reportagem se somaram outras que tentavam desfazer os boatos sobre prostituição, reforçando que aquela era uma comunidade de “mulheres trabalhadeiras”, “guerreiras”, “mães”. De modo geral essas representações são consideradas tradicionais porque se alimentam do imaginário segundo o qual a mulher está vinculada à maternidade, ao cuidado com os outros e à espera de “companhia masculina”. Desse imaginário também derivam outras objetivações representacionais que colocavam em cena a figura da mulher “honesta”, “correta”, “virtuosa” e, por isso, digna de consideração e respeito.

Como em outras narrativas midiáticas, as representações sociais, ou conhecimentos do senso comum, agenciadas para falar das mulheres de Noiva do Cordeiro funcionavam como recursos estratégicos usados para que as histórias contadas provocassem identificação com um público mais alargado. Dado esse potencial, não são poucas as pesquisas que mapeiam o uso desses procedimentos narrativos nas mídias. O mais conhecido deles é a simplificação, que reduz a sensação de estranhamento em relação àquilo que percebemos e classificamos como diferente, exatamente conforme descrito por Moscovici (2003). Na prática, essa simplificação significa recorrer a tipificações, estereótipos, enquadramentos que facilitem a compreensão das histórias. Flávia Biroli (2017) diz que os estereótipos estão na base do senso comum e se alimentam da realidade. Por conseguinte, narrativas que demonstram isso se repetem por aí como conteúdos que associam a mulher à maternidade e ao cuidado com a casa e a família.

Não por acaso, uma reportagem produzida por um jornalista estrangeiro viralizou e foi divulgada em inúmeros veículos da imprensa britânica e americana. Harry Wallop visitou a comunidade em 2014 e, durante a gravação, perguntou a algumas mulheres se elas gostariam de se casar um dia. Muitas disseram que “sim”, contudo, a moradora Keila (2018) relata que em nenhum momento o jornalista perguntou se havia ali alguma campanha relacionada à busca por homens solteiros.

Logo depois dessa visita, uma sequência de notícias falsas foi difundida em sites ingleses e americanos. O jornal *The Telegraph*⁷ publicou uma matéria intitulada “Comunidade

⁷ WALLOP, Harry. **Inside the Brazilian all-woman village desperate for men**. Londres: The Telegraph, 30 ago. 2014. Publicado por The Telegraph. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X-6m73iuafo> Acesso em: 10 mar. 2020.



de belas brasileiras buscam por homens solteiros”. O conteúdo dessa matéria foi replicado, quase sem alterações, no site do jornal *Metro*⁸, que o destacou por meio da seguinte chamada: “Alerta aos homens solteiros: essa cidade é inteiramente formada por mulheres ‘extremamente atraentes’ e elas estão suplicando por homens”. Posteriormente essa mesma notícia apareceu nas páginas virtuais dos jornais *The Mirror*, *Mail Online* e *Huffpost*.

Em seu conjunto essas reportagens nos intimam a compreender melhor como as narrativas acionadas para “enquadrar” a história de Noiva do Cordeiro foram usadas para objetivar certas representações sociais responsáveis por instituir e ressignificar situações reais de desigualdade e opressão as quais, em sua maioria, explicitam assimetrias de poder ancoradas em relações de gênero. Nesses termos, o fato dessas representações serem mobilizadas e disseminadas na forma de narrativas midiáticas nos impõe o desafio de pensarmos como a informação permeia as representações do outro – as mulheres de Noiva do Cordeiro – nas mais diversas modalidades de interações cotidianas.

4 COMO O GÊNERO (IN)FORMA DIFERENTES REPRESENTAÇÕES

As mulheres de Noiva do Cordeiro já haviam percebido que os boatos criados sobre elas durante tantos anos impunham uma marca que estereotipava a comunidade por meio de rótulos que não seriam desfeitos facilmente pelo tempo. Eram consideradas impuras, desviantes, diferentes, indesejadas. O que elas descobriram posteriormente foi que falar de si faz parte da tessitura do processo de elaboração identitária e que, mesmo sendo historicamente objetivadas, agenciar outras representações de si era possível.

Em face disso, sendo a linguagem uma engrenagem importante na esfera da produção social da diferença, informando representações sexistas, racistas e desiguais, ela também pode ser usada para forjar novos espaços, resistências ou desestabilizar papéis criados para organizar e controlar os modos de ser e existir. Não sem razão, muitas pesquisas, principalmente no campo das teorias feministas, defendem a urgência de contestar, revisar e reescrever as narrativas em busca da diversidade nas representações.

Inscritas em um campo de disputas, as narrativas representacionais são recorrentemente usadas para disciplinar identidades, definir papéis sociais, atribuir funções.

⁸ METRO. **Our editorial policy, who we are and how to work for us**. Londres: METRO, 2006. Disponível em: <https://metro.co.uk/2006/02/06/metro-our-editorial-policy-who-we-are-and-how-to-work-for-us-634240/#ixzz1Xv0Rg06Y2006?ito=cshare>. Acesso em: 10 mar. 2020.



Contudo, essas mesmas narrativas podem ser acionadas, em uma virada discursiva, para construir novas possibilidades de existir. Margareth Rago (2013) demonstrou isso ao estudar as narrativas autobiográficas de sete mulheres militantes que enfrentaram a ditadura militar. Segundo a historiadora, a opção por contar esse episódio sombrio a partir de quem o viveu tem a clara intenção de alertar para a importância da reconstrução da subjetividade pelo testemunho e pela denúncia. Para ela é preciso levar em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação e a resistência e que “compreender esses sistemas de imagens, representações e signos que compõem o pensamento da lógica discursiva é fundamental para abrir novas possibilidades de ser”. (RAGO, 2013, p. 31).

A elaboração de novas representações por meio das “narrativas de si” tem espaço nos feminismos contemporâneos, mas isso envolve mais do que o direito a contar sobre si ou, em outras palavras, ver sua história ser contada por alguém. A produção de narrativas de si estabelece-se, assim, como uma das formas possíveis de se questionar os discursos identitários e representacionais construídos por terceiros. Evidentemente, conforme assinalado por Marques e Freitas (2017), pelo menos duas propriedades são fundamentais nesse processo: 1º) a construção, aprimoramento e domínio de uma linguagem e de um vocabulário particular e apropriado para moldar seu próprio mundo e as possibilidades que vêm com ele; e 2º) a oportunidade de exercer a autoexpressão e a escuta, situando a importância do outro na constituição do relato de si.

Partindo do pressuposto de que as identidades estão sempre em processo de construção, é preciso não perder de vista a importância que o tensionamento de certas representações possui em termos da resignificação das formas simbólicas que as agenciam. Assim, Lauretis (1994) diz que existe um confronto de sentido entre as *representações criadas para as mulheres* (como objeto de desejo, mãe natureza, padrões de feminilidade) e, de outro lado, as *representações acionadas pelas próprias mulheres* para demarcarem o seu lugar como sujeitos históricos no contexto concreto das relações sociais. Ao refletir sobre indivíduos posicionados dentro e fora da construção de gênero, a autora apresenta a noção de sujeito que tem consciência de seu assujeitamento, mas que poderia fazer a crítica dele no “space-off de suas representações”. Assim, é também por meio da informação, de sua produção, apropriação e uso que os sujeitos e os grupos que tensionam representações socialmente localizadas em tempos e espaços específicos constroem uma via para edificarem:



[...] espaços nas margens dos discursos hegemônicos, espaços sociais entalhados nos interstícios e nas fendas e brechas dos aparelhos de poder-conhecimento. É aí que os termos de uma construção diferente de gênero poderão ser colocados – termos que tenham efeito e que se afirmem no nível da subjetividade e da autorrepresentação: nas práticas micropolíticas da vida diária e das resistências cotidianas que proporcionam agenciamento e fontes de poder ou investimento de poder; e nas produções culturais das mulheres feministas, que inscrevem o movimento dentro e fora da ideologia, cruzando e recruzando as fronteiras – e os limites – da(s) diferença(s) sexual(ais) (LAURETIS, 1994, p. 237).

De acordo com essa pesquisadora, os discursos e as representações enquadram os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar, agir e falar. Ter isso em vista nos ajuda a compreender que, no cerne das representações de gênero, a informação possui tanto a função de reivindicar um lugar de fala quanto a de impor certos papéis sociais e/ou disciplinar identidades.

5 A INFORMAÇÃO COMO FORMA SIMBÓLICA E OS MODOS DE SE (IN)FORMAR AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os estudos contemporâneos no campo da Ciência da Informação têm se afastado, cada vez mais, da busca por uma definição geral para o conceito de informação e priorizando o debate acerca de suas funções em contextos histórico-sociais específicos. Isso nos possibilita pensar o fenômeno informacional em diversas situações das nossas interações sociais, movimento interpretativo que foi caracterizado por Nascimento e Marteleto (2004) como antropologia da informação, o qual foca na “potencialidade de se ver a informação constituída como problema da sociedade, configurado como um fenômeno da ordem cultural e da humanidade”. (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004, p. 4).

Nessa mesma direção, Martins (2015), em diálogo com Thompson (2000), defende que devemos pensar o termo cultura por meio de processos nos quais suas formas simbólicas – palavras, gestos, textos, expressões – são produzidas e transmitidas. Isso abre espaço para tratarmos a informação, também, como forma simbólica compartilhada entres os sujeitos em seus processos de comunicação, enfatizando que “o processo de emissão e recepção da informação não ocorre de forma neutra, mas reflete uma visão de mundo e, conseqüentemente, um posicionamento na sociedade.” (ALVES, 1997, p. 13 *apud* MARTINS, 2015, p. 20).



Isso implica ressaltar que os indivíduos não absorvem passivamente as formas simbólicas, eles objetivam e buscam ancorar certos significados ao longo de todo o processo de recepção e interpretação, atuando criativamente e constituindo os significados de acordo com as condições que possuem e a posição que ocupam em tempos e espaços específicos. Assim, a dinâmica informacional está ligada ao poder de instituir a realidade na medida em que a apropriação e produção da informação articulam sentidos e modulam as maneiras pelas quais as formas simbólicas são recebidas, assimiladas e ressignificadas. Thompson (2000) também enfatiza o caráter ideológico das formas simbólicas que ocorre quando elas são mobilizadas para criar ou reproduzir relações de dominação.

Por conseguinte, perceber as formas simbólicas no contexto do discurso é dar atenção aos processos, instituições, contextos sociais e representações a partir dos quais o discurso é pronunciado, transmitido e recebido. Assim, podemos inferir que as narrativas informam e incidem diretamente no modo como as representações sociais são objetivadas, ancoradas e reproduzidas, uma vez que, como demonstrou Serge Moscovici (2003), as conversações (os discursos) criam, a longo prazo, nós de estabilidade e recorrência que sedimentam uma base de significados compartilhados entre seus praticantes.

Não obstante, ao identificarmos as maneiras pelas quais a informação permeia o processo de elaboração das representações identitárias atribuídas à Noiva do Cordeiro percebemos que, na esfera midiática, os modos de dizer, nomear e informar a comunidade atuam como operações de linguagem e discurso criadas para tornar os enunciados amplamente compreensíveis. Segundo Gomes e Lobato (2016) quando se trata da narrativa sobre o outro (a alteridade), as representações sociais são mobilizadas de modo que as narrativas produzam identificação. A partir dos estudos de Moscovici (2003), os autores defendem que as narrativas da alteridade pressupõem a produção de consensos que prescrevem o ambiente exterior, a redução do estranhamento e da diferença, gerando processos contínuos de identificação. (GOMES; LOBATO, 2016, p. 237).

Dito isso, defendemos que investigar fluxos de informação e processos comunicativos pressupõe considerarmos: 1º) os diferentes recursos materiais e simbólicos utilizados na produção e difusão das representações sociais; 2º) o acesso desigual aos dispositivos midiáticos e ao poder de dar visibilidade a temáticas, grupos ou sujeitos; e 3º) os processos



que garantem que determinados valores ou crenças sejam considerados socialmente adequados, adquirindo, assim, o status de “padrões de comportamentos”.

Colocado nesses termos, analisamos o documentário produzido pelos moradores de Noiva do Cordeiro como recurso discursivo capaz de instaurar a disputa por narrativas, cujo resultado mais evidente é a ressignificação das representações criadas nas mídias para falar das – no sentido de representar – mulheres da comunidade.

6 AS NARRATIVAS DE SI NO DOCUMENTÁRIO PRODUZIDO PELOS MORADORES

Conforme já assinalado, as narrativas criadas sobre Noiva do Cordeiro pela imprensa brasileira e estrangeira foram construídas, em um primeiro momento, por sujeitos que não pertencem à comunidade. Ancoradas em relações assimétricas de poder, essas narrativas, quase sempre, acentuavam processos de dominação – econômica, ideológica e de gênero –, provocando o constrangimento e a sujeição daqueles que não conseguiam, em virtude desses mesmos processos, dar visibilidade aos seus próprios discursos de representação.

Buscando romper com essa estrutura enunciativa, a primeira contra narrativa elaborada pelos próprios moradores da comunidade Noiva do Cordeiro a fim de dizer quem são e agenciar o modo como desejam ser vistos foi a produção de um documentário. Finalizado em 2014 e reeditado em 2015⁹, o vídeo começa apresentando imagens gerais da comunidade, enfocando, em seguida, a rua principal e algumas casas em particular. Enquadramento que é acompanhando, em locução em off, pelo seguinte texto: “Em Noiva do Cordeiro escolhemos viver em liberdade, amor e respeito. Acreditamos que esta é a receita da felicidade.”

O depoimento inicial é dado por Dona Delina, matriarca da comunidade que, reconhecendo sua autoridade, institui o primeiro grande movimento de ruptura no modo como Noiva do Cordeiro tem sido representada, uma vez que deixa claro que agora são eles mesmos que falarão por si: “Agora a gente quer falar da Noiva do Cordeiro. Eu queria que o mundo vivesse nossa vida. Vivemos em um paraíso, onde não existe briga, nem egoísmo.” (APRESENTAÇÃO..., 2014). Na sequência outras duas moradoras narram alguns fatos que, segundo elas, sintetizam a história da comunidade:

⁹ Essa reedição teve por objetivo inserir informações e depoimentos que desmentiam as notícias falsas publicadas na imprensa internacional.



[...] mas nem sempre foi assim. Já teve dias difíceis. Foi quando minha avó, Maria Senhorinha se apaixonou pelo meu avô Chico Fernandes. Foi muito sofrimento. O amor deles foi proibido porque ela era casada e naquele tempo separação era um grande pecado (Depoimento de Hellen Fernandes In: APRESENTAÇÃO..., 2014).

[...] mas nossa história não se resume a isso. Nos anos 50 veio mais sofrimento quando o pastor Anísio fundou a igreja Noiva do Cordeiro: a gente vivia 24 horas pra deus, orava o dia inteiro, jejuava 3 vezes por semana, tinha vez que o jejum era de 24 horas e não podia evitar filho (Depoimento de Vilma Fernandes In: APRESENTAÇÃO..., 2014).

Devido à sua importância, sobretudo simbólica, o fim da igreja é descrito por Dona Delina nos seguintes termos:

Além de toda privação, cada dia aumentava mais o fanatismo. Com o passar dos anos, os filhos foram ficando grandes e jovens e eles começou a descobrir e começou a convencer uns aos outros que aquela religião não estava com nada. Uma turma conseguiu fazer isso. Os outros, vendo que a vida deles estava feliz, aí todo mundo desanimou com a igreja (Depoimento de Delina In: APRESENTAÇÃO..., 2014).

Acontecimentos que se seguiram após a morte do pastor e que ainda não haviam sido mencionados nem pelo documentário da GNT, nem pelas reportagens de revistas e jornais são revelados por outra moradora: “[...] foi uma fase de descobertas, os jovens só pensavam em curtir. Era beber, dançar e festejar. Isso causou muita preocupação na mãezona Delina. Alguns estavam eufóricos, doidos, levando a vida na bagunça (Depoimento de Tatiana Fernandes In: APRESENTAÇÃO..., 2014).

Aqueles que assistem ao documentário não encontram nele menção aos episódios de discriminação que também marcaram a história da comunidade após a derrubada da igreja. Optando por não reforçarem representações pejorativas (prostitutas, mulheres sem religião), nem narrativas constrangedoras (belas mulheres à procura de marido), os moradores que se pronunciam no documentário jogam luzes sobre as conquistas responsáveis por conferir à comunidade, particularmente às mulheres, o reconhecimento, tanto em Belo Vale quanto em outras regiões do Brasil e de fora do país, de seu protagonismo social, econômico, político e cultural. Razão pela qual falam sobre a associação comunitária, a chegada da internet, sobre como se deu a luta pela posse da terra, sobre a implantação da antena de celular e de outros inúmeros projetos educacionais e culturais – como a dupla sertaneja e o grupo cover da



cantora Lady Gaga – que, além de manterem os moradores unidos, reorientaram o modo como eles vinham apresentando/representando a si mesmos.

Ao mudar o foco da narrativa, o documentário “Apresentação Noiva do Cordeiro” consequentemente instaura uma ruptura no modo como a história da comunidade vinha sendo contada – o discurso central não é mais o passado de isolamento e de estigmatização social mas, sim, a vida comunitária, as conquistas do presente e as projeções futuras – e demarca um movimento de reposicionamento identitário por parte daqueles moradores. Movimento que tem em sua base um processo de “conscientização coletiva” acerca da importância que narrar a si mesmo possui no cerne dos processos representacionais.

Embora inúmeras outras reportagens, programas televisivos e documentários tenham sido produzidos no Brasil e fora do país sobre Noiva do Cordeiro, o ato de contar a própria história em primeira pessoa e a partir de seus protagonistas nos revela que (in)formar as narrativas de si é uma ação a um só tempo política, simbólica, discursiva e posicional extremamente potente. Razão pela qual foi empregada pelos moradores da comunidade para dar visibilidade ao modo como querem ser vistos enquanto grupo e para agenciarem quais marcadores de sentido devem ser evocados quando o que se pretende é enquadrá-los identitária e representacionalmente enquanto sujeitos.

Não é ingenuamente, pois, que o depoimento que abre o documentário seja enunciado pela matriarca Delina Fernandes, referência local que, além de demarcar que “agora a gente quer falar da Noiva do Cordeiro” (Depoimento de Delina In: APRESENTAÇÃO..., 2014), acentua um gesto claro de tomada da palavra para falar de si, reestruturando a matriz representacional que “melhor” define tanto o modo de vida quanto o elemento unificador daquela comunidade: “em Noiva do Cordeiro vivemos em um paraíso onde não existe briga, nem egoísmo.” (Depoimento de Delina In: APRESENTAÇÃO..., 2014).

Nesses termos, a percepção da informação tanto como forma simbólica quanto como ação de (in)formar narrativas nos permite assinalar que os enunciados representacionais evocados e performados pelos moradores no documentário configuram-se como modos de demarcar quais valores devem nortear a percepção dos outros (os de fora) acerca da vida em comunidade. Daí a opção por enfatizarem os projetos presentes e futuros da comunidade e não mais os episódios que, por longa data, suscitaram situações de constrangimento e enquadramentos estereotipados para todos que ali vivem, em especial para as mulheres. Isso



fica muito evidente na fala de Tânia ao afirmar que: “A partir daquele dia Noiva do Cordeiro renasceu com trabalho e com a força de vontade. As mulheres se tornaram protagonistas.” (Depoimento de Tânia In: APRESENTAÇÃO..., 2014).

Observamos, pois, que houve uma decisão deliberada de não retomar os problemas entre a comunidade e os vizinhos, bem como os episódios ligados às narrativas distorcidas agenciadas pelos jornais estrangeiros. Isso nos permite conjecturar que, ao “apresentar a si mesma”, era mais importante para a comunidade reforçar os marcos que contribuem para o deslocamento de uma representação atribuída para uma autorrepresentação de si elegendo como eixo estruturante da narrativa a qualidade de vida das mulheres que ali residem e resistem, já que agora são elas que gerenciam o modo como querem ser percebidas e representadas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto do nosso estudo, observamos que as informações foram organizadas tendo-se em vista (in)formar o modo como os moradores de Noiva do Cordeiro querem ser percebidos e como isso instaura uma tensão, um movimento de resistência ao controle das representações. Isso se dá, sobretudo, depois que o grupo decide contar a própria história e ressignificar as narrativas criadas sobre e para a comunidade. No entanto, essa tomada de posição encerra em si uma estratégia dialética: ao mesmo tempo em que tomam a palavra para dizer como querem ser representados, os moradores de Noiva do Cordeiro silenciam aspectos significativos da memória e da história do grupo.

Dessa forma, o estudo aqui apresentado evidencia que os moradores de Noiva do Cordeiro só conseguiram ressignificar as representações produzidas para eles a partir do momento em que tiveram acesso aos recursos materiais e simbólicos – acesso à internet, oficinas de vídeo, criação da escola comunitária, a eleição de uma vereadora, entre outros – que lhes possibilitaram se apropriarem da informação e difundirem as próprias narrativas de si. Apesar disso, a narrativa mobilizada pelos moradores não alcança a mesma visibilidade que as narrativas agenciadas pela imprensa para falar sobre eles. Isso ocorre porque os fluxos de informação e os processos comunicativos também são amplamente pautados por diferentes instâncias materiais e simbólicas destinadas à produção, reprodução e difusão de conteúdos e, também, por formas desiguais de acesso aos dispositivos midiáticos e informacionais. Condições que contribuem para que certas representações sejam naturalizadas e



determinados sujeitos e/ou grupos sejam invisibilizados em função de estarem desigualmente posicionados no cerne dessa estrutura social.

Por esse motivo, reforçamos que o documentário “Apresentação Noiva do Cordeiro” expressa-se como uma estratégia de resistência, também de caráter ideológico, a partir da qual os moradores e a própria comunidade tomam a palavra para agenciar o modo como querem ser vistos e representados. É, pois, para conferir força a esse movimento de ressignificação que eles não enfocam tanto o passado de opressão e isolamento ao qual foram submetidos, preferindo (in)formarem suas narrativas a partir das conquistas presentes e dos anseios futuros que chamam a atenção de outros sujeitos para a história e o modo de vida daquela comunidade.

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO Noiva do Cordeiro. Direção: Comunidade Noiva do Cordeiro. Vimeo. 2014. Duração: 35'54". Disponível em: <https://vimeo.com/192367034>. Acessado em: 26/05/2022.

BIROLI, Flávia. A reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe (org.). **Notícias em disputa**: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017. p. 115-146.

GOMES, Mayra Rodrigues, LOBATO, José Augusto Mendes. A Primavera árabe e o enquadramento do outro: a captação da alteridade na narrativa jornalística. In: JESUS, Eduardo [et al]. **Reinvenção comunicacional da política**: modos de habitar e desabitare o século XXI. Salvador: EDUFBA ; Brasília, DF: Compós, 2016, p. 233-249.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 123-132. (Gênero plural).

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; FREITAS, Viviane Gonçalves. Gênero, autonomia e subjetivação. **Líbero**, São Paulo, ano 20, n. 40, p. 16-28, 2017.

MARTINS, Ana Amélia Lage. **Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da Ciência da Informação**: uma análise a partir da Marcha das Vadias. 175f. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003.



NASCIMENTO, Denise Morado, MARTELETO, Regina Maria. Informação construída nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bordieu. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 5, p. 1-9, 2004.

PERDIGÃO, Juliana Andrade. **Informação simbólica, representações sociais e identidade: confronto de sentidos nas narrativas que (in)formam as mulheres de Noiva do Cordeiro.** 237f. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas: Editora Unicamp, 2013.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 2000.

WALLOP, Harry. Inside the Brazilian all-woman village desperate for men. **The Telegraph**, Londres, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X-6m73iuafo>.